



Cinematographo MIGNON

Prop. L. MACHADO, COELHO & TOLEDO

ANNO I

S. Paulo, 4 de outubro de 1908

NUMERO 1

## A TODOS

Vindo hoje á arena da publicidade, o *Mignon* bem pôde deixar de apresentar-se com programma em que se faça ridentes promessas. Muitas das quaes fallham as mais das vezes mau grado ou não os bons intuitos.

O leitor que se der ao trabalho de prestar-lhe a attenção, com honra toda nossa já se vê, hade notar que o *Mignon*, com este seu numero demonstra que o seu fim é procurar agradar com diversas secções e que o escriptor, sem se afastar das boas normas da Discrição e da Moral, fará delicadas troças do que for exploravel, occupar-se-á de varios assumptos de actualidade; nunca, porém, descerá a certas devassas intimas que ponham em jogo a susceptibilidade de quem quer que seja.

Accresce ainda que os programmas já vão ficando mais distanciados dessa obrigação, a que a praxe os jungirá como prenuncio de maior successo.

Agrada-nos sobremaneira a modestia, e quando assim não fosse, para que prometter todo este mundo e o outro, se não cumprirmos a palavra?!

S. Paulo, onde já diversos collegas vivem com tanto brilho, ha de ter —pensamos—logar para mais um luctador. Que importa seja humilde, não venha revestido de pompas de estylo e enroupado custosamente pela verdadeira Arte. Arte sem fallhas, se o que aqui vêdes, representando a ousadia de uns novos, justifica uma boa vontade posta em serviço da melhor das intenções?!

O *Mignon* é tambem illustrado; as suas estampas sobre isto ou aquillo terão sempre o cunho da actualidade, quando não significarem um cultô a generosas tradições da nossa patria.

Cantando e troçando, para não chorar; rindo para divertir; homenageando o que fôr justo; formando —ultimo soldado—na vanguarda dos que prezam a Literatura—eis o programma do *Mignon*.

Recapitulando — o *Mignon* será critico, humoristico, literario e illustrado.

Apresentados, cumprimentamos a todos os collegas e saudamos ao publico, que, provavelmente, receber-nos-á com o merecido cavalheirismo





Dr. ANTONIO NACARATO

Um dos mais activos subdelegados da 4.<sup>a</sup> Circunscripção

Esta sympathica autoridade policial teve seu berço na cidade de Taubaté, no dia 13 de Junho de 1880, de onde a familia de seu estimado pae o integerrimo negociante snr. Caetano Nacarato, se transferiu para esta Capital, dois annos após. Assim pois, o dr. Antonio Nacarato reside em S. Paulo desde os seus primeiros annos e, não é sem justos motivos que uma aureola de estima o envolva, porque o seu character sóbrio e bondoso, as suas maneiras distinctas e sempre captivantes, o fazem merecedor de todo o acatamento.

Terminando o curso de primeiras letras, matriculou-se no Gymnasio do Estado, cujos seis annos atravessou facilmente, estribado em um estudo devotado e n'uma intelligencia que sempre confirmou ser esse bello ornamento um dos mais apreciaveis apanagios da sua illustre familia.

Em 1900, tirava o bacharelato em sciencias e letras com cujo diploma deu ingresso na Faculdade de Direito, alcançando o grão de Bacharel em Sciencias Juridicas e Sociaes em 1905; com o curso operoso em que revelou estoica serenidade dos que se sabem engrandecer pelo amor incansavel ao trabalho esforçado

Tendo sentido necessidade de recorrer ás suas aptidões para auxiliar-se na educação que seu pae tão ardorosamente distribuiu pela familia, entrou como escrivão de policia, na chefatura do dr. Cardozo de Almeida, prestando nesse posto relevantes serviços á causa policial, Bacharelado porém, teve de abandonar os seus companheiros da administração policial, mas, em boa hora, o dr. Arthur Rudge Ramos chamou para o auxiliar na 4.<sup>a</sup> Delegacia onde lhe confiou a 5.<sup>a</sup> subdelegacia, sendo mais tarde trans-



ferido para a 1.<sup>a</sup> subdelegacia, quando começou a vigorar a actual reforma policial e em cujo desempenho presta serviços de monta que o fazem bemquisto de todos.

Por diversas vezes tem sido nomeado em comissão para o Interior do Estado, sempre dando sobrejas provas de auctoridade correcta.

O maior elogio que poderíamos fazer a nosso biographado é o seguinte: — recto como um juiz.

\*

### RISO E LAGRIMA

Entre os gestos se pode contar o riso. Ha homens, que fallam sempre rindo; cuidam, que assim se fazem agradaveis; até nas ruas andam entre um riso falso, posto que nunca fallem aos que encontram nem os conheçam. Tudo é fingido, que basta para ser condemnavel. Sendo riso verdadeiro tambem o fôra, por ser sem occasião, porque é grande argumento de leviandade. Ainda nas occasiões, que o pedem, é indecente e demasiado.

Dion, philosopho dizia, melhor parece um rosto chorando que rindo. Porque de lagrimas se podia tirar doutrina e do riso não.

ANTONIO DE SOUZA MACEDO

\*

### CARTA

Sinhô redatô do Mignáu

Venho pramodé perguntá a vos-suncê se o seu Fará ta vivo ou ta morto. Porque corre os boato que seu Fará ta vivo e bem mais que vivo. Entoncê eu vim escravinhá esta pra perguntá a seu redatô se elle tá morto ou tá vivo

Quando eu vortei do serviço, me contaram quesá Carolina tinha sido posta pra dentro do xadrez.

Mas seu redatô, eu tem visto nos jorná da capitá que sa Carolina era sem culpa no cartorio..

Seu redatô, como é que o estranguladô de Fará o seu Traad, tá tão sem vergonha, até parece que elle ta brincando com a policia, como é que seu chefe de segurança impublica ademete isto. Eu vou escravinhá tambem uma calta ao Dr. Vazington Luize, pra preguntá como elle ademete isto.

E tambem vi nos jorná da capitá uns negocio da abre os corpos, que qué dizê isto seu redatô, isto qué dizê que vai abri o corpo, isto é palavra nova. porque quando se vae abri os corpo se chama autopia, e como é que o dotô Pujó podia abri os corpo na D. Carolina, ora seu redatô, isto é uma judiaria, e como que o seu promotô consente que um povo sivilizado como nosso vá abri o corpo de uma viuva, seu redatô isto vai de má pra pió, eu vo escravinhá ao Dr. Vashington Luiz pra mode elle tambem me contá como que se admette isto, e quando elle respondê pra mim eu mando dizê pra seu redatô

Seu erd. obrg.

*Malaquias T. de Souza*

Sertão do Acre.

\*

### PARODIANDO

(AO DOMINGOS COELHO)

Não lamentos, oh Mingô, o teu estado,  
Coió tem sido muita gente boa,  
Coióssimos barrados andam á toa,  
Milhões de vezes coió's têm namorado.

Danton é coió, e coió já bem barrado,  
Tadio por coió levou bem boa;  
Tu, Fifi, com toda a tua proa  
Tambem levarás o teu bocado.

Aquelle da esquina, conquerant famoso,  
Qu'inda ha tempos cahiu lá na sargeta,  
Entre mil barrações sumiu vaidoso.

Todas no mundo têm a sua treta,  
Não fiques, pois, oh Mingô, duvidoso,  
Que isso de amizade e amor é tudo peta.

BOCCAGINHO.

## ARTE BREGEIRA

## SÓ!

(Para • Cecy)

Diante dos meus olhos, numa sublime manifestação de requintes de beleza e graças, passava, passava, com a garridice dos seraphins, uma multidão enorme de senhoritas, ostentando o poder mirífico da attracção, e a grandiosidade do seu imperio dominante sobre a terra...

Era de vêr-se. Julgava-me transportado a paragens do Incognoscível, onde o mysterio se alteia ladeado pelas pompas que o sobrenatural gera e vivifica. As idéas cruzavam-me o cerebro, todas primando pela gentileza, que outras uma tal contemplação originar não podia. Nem, de leve sequer, — tão grato era-me o extase, — acalentei a idéa da realidade, não obstante toda essa realidade que se me deparava com requintes de beleza e graças... Onde iriam? O que buscavam?

Aos jardins, talvez; colher flores, provavelmente. Que flores a outras flores se achegassem não me era para extranhar. Mas... onde iriam?

A cada minuto que se succedia como que surgia um mundo de illusões borboleteando espaço a fóra, um enorme chuveiro de rosas mysteriosamente tocadas pelo favonio e, por isso, perfumando o ambiente, como a Natureza o faz nos seus dias de luz, nas quadras primaveris...

Mas... Onde iriam ellas?...

Nem tão grande segredo eu vos revele, pois outra, cousa esperar não será dado: Como a sombra, eu — que triste sombra a minha! — fui seguindo o cortejo, e a minh'alma, ebria de tanta luz e perfume, louca, premedida entre as illusões, lá... lá



BELLA CHILENA

ia tambem, num pleno goso, rico de emoções santificadas pela pulchritude em vista, santificadas encantadoramente...

Senti, porém, que, de repente, a multidão estacionou; eu acompanhê-a; triste sombra, que mais tinha a fazer? Eram 6 1/2 horas da tarde. Observei. Estava no *Mignon*, o bello e elegante theatrinho, tão novo quanto apreciado pelas familias da nossa grande capital:

.....

E foi um sonho assim, augmentado de novas seducções, — as vistas que iam sendo exhibidas naquelle cinematographo que me deixou quan-

do abri os olhos e vi que estava entre quatro paredes e... só!

S. Paulo.

ARNALDO DE COARAUG

\*

## AMO-TE

Da aurora que surge com mantos lustrosos  
Eu amo os sorrisos d'encanto sem fim;  
Mas inda mais amo teus labios formosos,  
Teus labios sorrindo d'amor para mim.

Eu amo as estrellas, dos plainos infindos  
Vertendo num lago sereno fulgor;  
Mas inda mais amo teus olhos tão lindos  
Vertendo em minh'alma seus raios d'amor.

Em serras, no longe cobertas de geios,  
As ondas eu amo d'argenteo luar;  
Mas inda mais amo teus negros cabellos  
Que em hombros de neve costumam soltar.

Da brisa das tardes eu amo os lamentos,  
Dos bosques sombrios adoro o cantor;  
Mas inda mais amo teus brandos accents  
Em ternos descantes, em quebros d'amor.

Eu amo a florinha d'ao pé da corrente,  
E o calice puro da nivea cecem;  
Mas inda mais amo tu'alma innocente,  
Tão pura que os anjos mais pura a não tem.

Eu amo dos astros a luz palpitante,  
E as vagas longinquas arfando no mar;  
Mas inda mais amo teu seio d'amante,  
Unido a meu seio, d'amor a pulsar.

Eu amo na brisa, que doce murmura,  
Colher os perfumes da rosa em botão;  
Mas inda mais amo sorver a doçura  
Dos beijos que, ardendo, teus labios me dão.

Eu amo-te, eu amo-te, oh virgem celeste,  
Meus dias na terra, minh'alma, são teus;  
Eu amo-te, oh anjo que á terra vieste,  
O amor ensinar-me dos anjos dos céus.

\*

## AS CALÇAS DO RAPOSO

MEDEIROS ALBUQUERQUE.

A entrada de um novo inspector era sempre no internato em que esdudavamos um dos maiores successos; a do Raposo mais que nenhuma outra. Havia para isso razões especiaes. O inspector que o precedêra, o Gomes, tinha saído depois de

uma altercação violenta com a nossa classe, altercação acabada em vias de facto.

O homem era um velhinho baixo e careca — escandalosamente careca. A calva luzidia estendia-se rubicunda desde a testa até a nuca, onde havia alguns cabellinhos brancos.

Inspector de alumnos durante mais de quinze annos, tinha adquirido certas habilitações profissionaes preciosas. O que se precisa de diplomacia para lidar com meninos de collegio nem todos pôdem avaliar! O Gomes era eximio. Ninguém poderia melhor fingir-se distraído e apezar de tudo seguir ao mesmo tempo os manejos de dois ou tres que estivessem tentando perturbar o silencio. Tinha mesmo uma sciencia propria: sabia dormir... mas dormir parecendo vigilante.

Ha nos contos de fadas a eterna historia de uns leões prodigiosos que, durante o somno, estão com os olhos abertos e, durante a vigilia, com elles fechados. O Gomes chegará quasi ao mesmo resultado.

Tinha uma posição favorita — os cotovellos apoiados na mesa, segurando a cabeça com as mãos em pala diante dos olhos. Quando estava assim, parecia, ás vezes, que cochilava. Era um engano. Não se passava nada na sala que elle não visse.

Via e calava. A' hora do recreio chamava os que tinham estado brincando e, sem explicação, punha-os de castigo.

Em compensação, dormia noutras occasiões a bom dormir e todos nós imaginavamos que elle estava com uma vigilancia de Argos. Fossem lá advinhar! — De resto, não se pôde imaginar cara mais neutra, mais impassivel: nem olhos, nem labios, nem faces — nada traduzia o que elle estava sentindo.

Aos poucos, porem, nós começámos a estudar-lhe a careca. Foi uma revelação!

Dizem os versos celebres de Bocage:

Os labios mentem,  
Os olhos não!

Nelle o que não mentia era aquella esplendida calva, brunida, lustrosa, espe-lhenta! Allí tudo se reflectia. E' verdade que no fim de contas as suas variações se reduziã aos tons diversos, principalmente do vermelho, que ella assumia. Mas que riqueza! Ia da brancura lyrial á rubicunda tonalidade dos tomates maduros. E, como ha sujeitos que, pela letra, pelas linhas das mãos, por outros signaes, pretendem decifrar as emoções alheias, alguns havia entre nós que tinham chegado a fundar uma sciencia nova: a *carecomancia*! O 114, o mais endiabrado de nós todos, tirava prognosticos seguros, quer da nuança especial assumida pela careca, quer do lo-



## ARTE BREGEIRA



LORDANE

gar por onde ella começava a colorir-se — porque, dizia elle, a vermelhidão ora vinha da direita, ora da esquerda, ora detraz para deante... A colera, a simples contrariedade, a vontade de rir fortemente contida tinham marchas diversas.

O 117 era o nosso mago, o nosso adivinho, meteorologista sagaz, que presentia tempestades no céu côr de rosa daquella calva.

Fosse como fosse, um bello dia, deu-se na classe um charivari medonho. Na semana anterior tinha havido dois dias feriados: naquella em que nós estávamos a folhinha marcava outro. O Gomes, conversando com o director, dissera-lhe que seria melhor não dar sahida, ponderando que se approximava a época dos exames.

Quando a resolução foi tomada, quando principalmente nós soubemos que a iniciativa partira do Gomes, ficámos furiosos. Organizámos o que o 117 chamou uma «pateada muda». Nem um grito, nem uma palavra, nem um gesto de revolta. Todos, porém, deixariam os livros nas carteiras sem abri-los e passariam as duas horas do estudo a olhar para a careca do Gomes.

Dito e feito. — Eramos cento e vinte rapazes. Entrámos em ordem na sala de estudo, cada um sentou-se e o inspector to-

mon o seu logar no alto do estrado. Não se abriu um livro, não se mexeu numa folha de papel. Silêncio profundo. O Gomes, admirado, examinou a sala, presentiu qualquer coisa de revolucionario e atrou a classe uma ordem seca:

— Estudem!

Ninguém se moveu. Todos, obstinadamente, fitavam-lhe a cabeça. O que se passou naquella careca eu sinto que não lhes podereis jámais dizer, com toda a verdade do caso! Ondas vermelhas ora a cobriam toda, ora afastavam-se.. Havia momentos de absoluta brancura: parecia, então, uma bola de marfim. Logo após vinha, porém, uma vaga de sangue que a vestia de escarlate... — Que tempestades de colera haveria lá por dentro!

— Estudem! — berrou de novo o Gomes.

Mas, teimosos, 240 olhos verrumaram-lhe o craneo nú. Já então a vasta calva não empallidecia mais... Tinha chegado ao vermelho fixo, ao ultra-vermelho. Passou ao roxo — um tom absolutamente novo, mesmo para a perpicacia do 117!

O inspector ergueu a cabeça e fitou-nos. Estava congestinado, com os olhos a saltarem das orbitas, furioso:

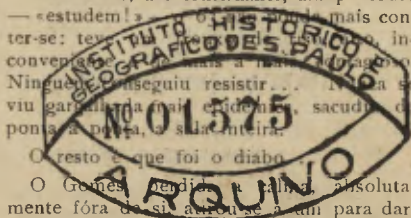
— Estudem! rugiu colerico.

Jogar assim o sério por tanto tempo era empreza difficil. Alguns, ao passo que a ira do Gomes ia crescendo, sentiam um desejo louco de rir. Quando, pela quarta vez, elle soltou um murro na mesa e gritou um novo, um tonitruante, um pavoroso — «estudem!»

— «estudem!» — gritou mais conter-se: teve a cabeça a tremer, inconveniente, e não pôde mais. Ninguém conseguiu resistir... Viu garbado, na sua cadeira, sacudido de ponta a ponta, o sarilho colerico.

O resto é que foi o diabo.

O Gomes, perdido, saltou absolutamente fóra de si, atrou-se a dar para dar-lhe. Em um momento, todos estávamos em bolo a defender o collega, a socar, a pisar, o desgraçado inspector... Houve um sarilho medonho. O desgraçado, tendo



apanhado tão monstruosa sova, foi, ainda por cima, despedido do collegio.

E' evidente que depois disso a entrada do Raposo assumia uma importancia especial.

Que homem seria o nosso novo inspector? Poderiamos com ella?

Mal o vimos, dissemos todos intimamente:

«Vamos fazer o que quizermos, vamos pintar a manta!»

Era um velho alto, magro, de cara comprida. Usava barba toda, uma barba muito rala, que mal lhe vestia o rosto pallido, escaveirado. A testa era alta e larga, intelligente. Os olhos pretos tinham, entretanto, uma expressão de humanidade, como jamais eu vi igual: olhos supplices, olhos de queixa e medo. Vestia uma sobre-casaca muito velha; velhissimos eram tambem os punhos, o collarinho, a gravata— tudo a desfiar-se. Tinha, comtudo, um quê de homem de boa sociedade; via-se que aquella roupinha surrada estava escrupulosamente escovada, limpinha direitinha...

(Continúa).

\*

## ANNIVERSARIOS.

No dia 27 de Setembro festeja a data do seu anniversario o sr. Lobieno Machado de Souza, 4.º annista de Direito.

O *Mignon* em signal de jubilo envia-lhe os mais sinceros parabens.

E no dia 28, a gentil senhorita Sarah Ramos, prima do nosso director Domingos José Coelho Junior.

\*

## UNIÃO ACADEMICA

Realisou-se sabbado, no salão do «Club Lyra», mais um esplendido baile dado pela União Academica.

A nova directoria de posse do seu cargo resolveu offerecer a festa de sabbado a directoria, passada, como uma homenagem aos esforços por ella empregados em benefício da sociedade, e ao mesmo tempo por ter sido coroada de todo o êxito durante a sua administração.

O salão esteve repleto do que ha de melhor no nosso meio social e as danças estiveram animadissimas até alta madrugada.

Muito apreciámos o que não occultamos em (dizel-o) o modo gentil e cavalheresco como que foram tratados todos os convidados pela nova directoria, devendo-se destacar em primeiro lugar o actual presidente, que se multiplicou

em attentões e cortesias para com todos. Não vimol-o um só momento em que não estivesse em actividade, a apresentar uns, a obsequiar outros, fazendo com que todos os convidados sahissem satisfeitissimos.

Não citamos nomes afim de evitar molestações, por parte de alguém, resultantes de algum esquecimento ou descuido que possa involuntariamente trair-nos a memoria. Somente diremos que ao lado das gentis senhoritas compareceram tambem muitas senhoras e cavalheiros respeitaveis e de certa posição em nossa sociedade.

O serviço de *buffet* esteve o que se podia exigir de melhor; sendo correctamente servido.

E' raro se encontrar uma sociedade onde reine tanta ordem e harmonia, mormente em se tratando de rapazes.

Dizem, e é muito corrente, que os rapazes não levam nada a serio; pois, quanto a União Academica tem-se a dizer que ficou cabalmente provado a verdade desse conceito.

A nova directoria damos os nossos parabens e desejamos que consiga levar ao calvario o peso da cruz que lhe pesa aos lombros.

\*

## CANTARES

Flôr singeta da minh'alma  
vou contigo conversar,  
n'essas petalas mimosas  
meus pensamentos gravar!

Na primeira das folhitas  
que é forrada azul celeste,  
eu pergunto: «*que foi feito  
da esperança que me deste?*»

Na segunda côr de rosa,  
que é a côr do verbo amar,  
murmuro triste e maguada:  
«*Não tem fim o meu pensar!*»

Na terceira toda verde  
como a esmeralda do mar:  
«*E' a vida um mar de dores,  
quanta dor n'um só olhar!*»

Na quarta, rôxa e sombria,  
de apagada claridade:  
«*Guarda bem o que te deixo,  
um adeus, uma saudade!*»

Na quinta que é derradeira  
forrada a branco setim,  
um só pedido te faço:  
«*Oh! não te esqueças de mim!*»

D. IZABEL FERREIRA.

## ARTE BREGEIRA



## Chronica theatral

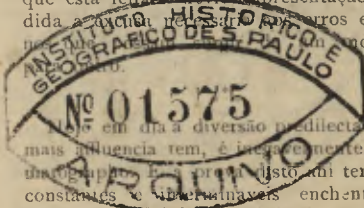
Não venho aqui doutrinar sobre arte nem tão pouco impingir ensinamentos aos leitores no seu modo de apreciar as diversões.

Minha missão é muito outra: Procurarei registrar com toda a imparcialidade os factos occorridos no nosso meio theatral, fazendo um leve commentario das differentes representações; commentario esse inspirado pela impressão causada ao publico, unico que julgo competente para fazer o juizo que lhe convier, ou achar de justiça, visto ser quem paga o pato.

Traçada assim a linha recta que pretendo trilhar, a ella sempre me cingirei, e, si porventura, algum dia della sahir, peço per-

dão ao leitor, ou á quem venha casualmente maguar, pois será involuntariamente, ou por uma má comprehensão do modo de se manifestar do publico.

Assim sendo entremos a tratar do assumpto, a que competem estas linhas, já que está feita a minha apresentação e pedida a opinião dos leitores e enganados por um momento



em dia a diversão medidicta a que mais influencia tem, é imperiosamente o cinema. E por isto, mi temos nas constancias e subterfugios enchentes que elles apanham diariamente.

O Cinematographo Mignon situado no largo do Mercado de S. João, embora pos-



## MIGNON



FACHADA

sua um extenso e espaçoso salão tem se tornado ultimamente por demais acanhado para conter a affluencia de todos os dias.

Mas o que se ha de fazer, si a empreza é incançavel em apresentar em todas as sessões novidades as mais palpitantes em questão de gosto e actualidade?!...

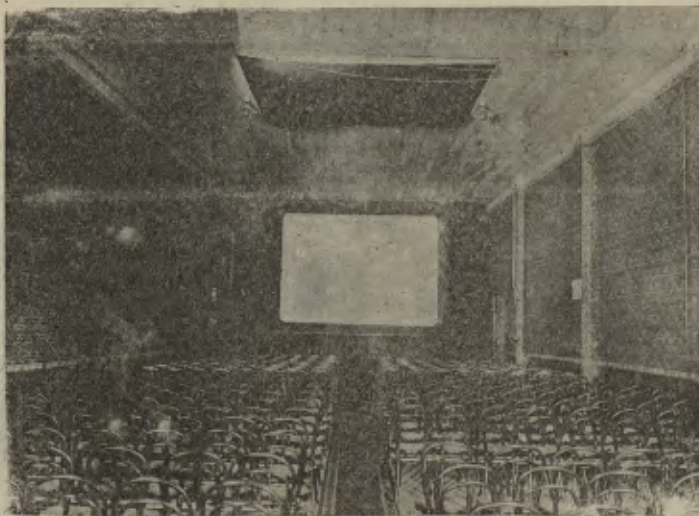
As suas fitas alternam entre o comico o mais alegre e hilariante, e o drama o mais triste e emocionante.

Vistas nitidas, firmes, sem a menor oscillação.

Para não cacetear o publico por occasião da espera tem em seu salão, a esse fim



SALA DE ESPERA



## ESPECTACULO

destinado, uma magnifica orchestra dirigida pelo maestro Francisco Russo, a qual executa as melhores composições musicas da actualidade.

Para maior vantagem ao publico o sr. Luiz Pai, um excellente cantor, delicia a assistencia com bellissimos trechos do seu vasto repertorio.

E' como se vê, o *Mignon*, um dos melhores centros de diversões que temos. Musica, vistas, moças, povo, tudo emfim quasi de graça...

Quem quizer passar uma meia hora de bom humor, distrahindo, quando não as maguas, pelo menos as ideias, vá ao *Mignon*, que não se arreperderá.

\* \*

O genero tem-se alastrado tanto que ainda temos uma infinidade de cinematographos, todos funccionando repletos de assistentes. Todas as noites lá estão a regorgitar de povo, acotovellando-se para conseguir um lugar.

Como os programmas variam diariamente o publico tambem comparece quotidianamente.

O cinematographo é emfim a diversão da moda!...

\* \*

Para variar um pouco, mesmo porque— a variedade deleita e o povo gosta de variar,—darei algo sobre outro genero de diversão não menos apreciado quer pela sua variedade, quer pelas novidades que

apresenta. E' o *Moulin Rouge*. Theatro elegante, com todas as commodidades, modesto mas bem organizado. Ali se encontra tudo que ha de melhor em café-concerto: cantoras, bailarinas, trios, duos, acrobatas, uma infinidade de cousas!...

Com o tempo farei com mais minudencia estas notas, e então tratarei das estréas e trabalhos de toda a *troupe*.

\* \*

No *Polytheama* trabalhava uma companhia allemã que muito divertiu... aos seus patricios, que a comprehendiam.

Actualmente trabalha a companhia do incançavel Frank Brown, que desta vez trouxe uma magnifica *troupe*, cheia de novidades, como as phocas sabias e muitas outras sensacionaes attracções mundiaes,

EPA.

\*

## A LINGUAGEM DO CAFÉ

*Linguagem muda de se offerecer com determinado sentido uma chicara de café:*

Café com muito assucar: O amor é tão bom.

Café fraco: Fale com mamãe.

Café forte: Tenho medo de papae.

Café com leite: Passe amanhã por aqui.

A chicara com a aza para o lado direito: Já estou compromettida.

A chicara com a aza para o lado esquerdo: Amo-te.

A colher no pires: Só a ti pertenço.



A toda



Vou assistir o sumario do Trad, o redactor do *Mon Journal*.

\*

## O ANDRADE

Para trocar o nome dos outros não conheço ninguem como o Andrade.

Note-se: elle tambem não se chama Andrade, porquanto fui eu quem assim o chrismou.

E' um sujeito de barba cheia, amorenado, sobraçando o chapéo de sol, risonho, affavel, passo lesto.

Conhecemo-nos ha 14 annos, sempre nos cortejamos amavelmente e por vezes permutamos

um debito de palestra, no meio da rua, sobre coisas, etc. e tal.

Ha 14 annos que elle me trata por *seu Galvão*; quatorze annos ha que eu o chamo por *seu Andrade*. A verdade é que eu tenho tanto de Galvão como elle de Andrade. Porém o homem nunca reclamou e eu jamais protestei. Nutro uma desconfiança remota de que elle se chama Guimarães, e da mesma sorte já lhe constou que o meu nome é Cincinato.

Isto, porém, emnada alterou as nossas consciencias. Continúa a tratar-me firme «seu Galvão» correspondendo sem pestanejar ao *Andrade* com que o mimoseio. Que que-

rem? O homem é um animal escravo dos seus habitos, como dizem Shakespeare e o seu barbeiro.

O Andrade sempre me pergunta como vão todos que me pertencem. Respondo: Bem, obrigado, e os seus? — Sem novidade. Donde deduzi que o Andrade tinha familia.

Mas uma vez quiz elle saber noticias especiaes do *velho Galvão*.

O velho Galvão deve ser meu pai, murmurei com os botões. E respondi a todo o risco:

— Vai bem, obrigado.

— Disseram-me que estava doente...



— Sim... ah!... mas... pequeninos incommodos...

— Tem recebido cartas de Sorocaba?

Esta interrogação ensinou-me que meu pai Galvão morava em Sorocaba.

— Não... ha já mais de um mez...

Algum tempo depois encontro o Andrade, que se dirige para mim com gesto tristonho e olhar funebre.

— Aceite os meus pezares...

Um tanto embatucado, compuz uma cara de circumstancia e retorqui com voz surda:

— Obrigado...

Houve uma pausa,

— Li nos jornaes a noticia do fallecimento, continuou elle, muito intrigado por não me vêr de luto. Pobre Galvão! Um excellente velho!

Percebi que se tratava da morte de meu pai Galvão.

O momento era solemne.

Passou-me pelo espirito, durante um segundo, esta alternativa angustiosa:

— Devo arrancar do espirito deste homem a illusão, que dura ha 14 annos, de que eu sou o o joven Galvão Junior, filho do velho Galvão pai, morador em Sorocaba?

Não!

Seria uma crueldade.

E isto poderia tornar-o meu inimigo...

E... por que razão tambem elle não teve a coragem de confessar que não se chamava Andrade?

Delicadeza por delicadeza.

E, fingindo meia cara de choro, disse-lhe em tom magoado:

— Agora mesmo vou ao alfaite buscar o luto...

— Mas não vi annuncio para a missa do 7.º dia...

— Sim... não quiz annunciar... Sou inimigo dessas ostentações...

— Ostentações, não senhor! Dever piedoso. Os amigos não podem adivinhar quando é a missa do 7.º dia...

Por um triz que arrebentei de riso com esta calinada, mas disfarcei riscando o phosphoro para accender o cigarro.

Despedi-me do Andrade decidido a escrever para Sorocaba pedindo informação a respeito do meu defunto pai Galvão e da sua familia.

A' noite o Andrade viu-me no jardim de um theatro a beber cerveja com amigos, e a rir-me gostosamente de qualquer coisa.

Lançou-me um olhar comprido e feroz de quem tem vontade de dizer: Monstro.

URBANO DUARTE

✱

### MAGUAS

São como as sombras da tarde  
Como um véo da viuvez,  
As minhas profundas magoas  
Que tu decerto não vês!

Gemem, soluçam, palpitam,  
Na mais cruel solidão,  
Tornando da côr da noite  
O meu triste coração!

Que merencorio Calvario  
Em que passo o meu viver!  
Sem uma flôr, uma esp'rança  
Um risonho amanhacer!

Faz pena, faz a lembrança  
Que a causa da minha dôr,  
E' essa friesa immensa  
Que tens por mim meu amor!

Meu coração magoado,  
N'uma tristesa secreta,  
Ficára flôr da saudade  
Como a pobre violeta!

D. IZABEL FERREIRA.

## OS SMARTS

A. P.

É uma physionomia altiva, esparto e agil chauffeur. Traja-se muito bem, frequentador do Moulin. Todos o conhecem, porque ninguem viu ainda um chauffeur, que ande com seu automovel *F. I. A. T.*, com tanta velocidade pelas ruas centraes. Todos o chamam de louco, quando isto não é exacto, elle é simplesmente um imprudente

Ainda ha bem pouco tempo, quando transitava por uma das ruas do triangulo, apanhou uma pobre mulher sob as rodas do seu *F. I. A. T.*

Quasi todos os jornaes, souberam do caso, mas nenhum disse o nome do imprudente chauffeur, somente disseram o numero da *F. I. A. T.*

Creio que basta de indiscrição, porque o amavel leitor ou gentil leitora já deve saber mais de quem se trata; mas, para mais esclarecimentos augmentarei com mais umas linhas.

Quando o jovem chauffeur esteve na Europa, por aqui correram diversos boatos a seu respeito.

TABÃO BASTA.

✱

## CARTÕES DE VISITA

Pelo cartão de visita póde-se conhecer a psychologia de um individuo.

O amanuense manda imprimir-o com os dizeres: «Fulano

dos Anzóes, funcionario da repartição tal».

Isso no intuito de fazer supôr que é empregado de certa cathegoria.

Mas quando chega a official

## Amor e arame



- Pedro onde vaes?
- Vou ao Mignon (cinematographo) cavar uma pequena com arame.
- Então... moça sem arame va rodando e não te ama.
- É tal e qual.

ou a chefe de secção, tem o cuidado de o especificar no cartão, para o não confundirem com qualquer amanuense.

O alferes usa da indicação vaga «official do exercito», na esperança de que os civis, vendo-o á paizana, o tomem por capitão ou major. Quando adquire galões largos, tem todo o cuidado de declarar o posto no bilhete de visita, para evitar que algum *cebôla* o não julgue ainda *pica-fumo*.

Outros empregados inferiores, quando são chamados a servir passageiramente no gabinete do chefe, mandam logo imprimir cartões, onde se lêem as notas: *No gabinete do Director ou No gabinete do Ministro.*

Os leigos, á vista da mysteriosa phrase *no gabinete de S. Exa.*, ficam mergulhados em conjecturas do caso: será elle official de gabinete, secretario, ajudante, consultor?

A verdade é que o gajo não passa de um copiador de officios; mas como trabalha no *tabernaculo*, os collegas mais graduados o engrossam, por verem-no com cheiro de santidadé.

Curiosa é a falsa modestia de alguns *parvenus*.

Conheci um sujeito que era conde romano, coronel brasileiro e commendador portuguez. Só lhe faltavam os titulos de bispo pela Russia e de doutor pela universidade de Rostock (objectos á venda).

Esse fidalgo internacional inscrevia nos cartões todas as suas *dignésias*; por *modestia*, porém, costumava riscar com breves traços de lapis os condados, coronelatos e commendadoratos, deixando apenas o nome. Riscava-os de sorte que toda a gente os pudesse lêr e soletrar! Que tal a modestia?

O bilhete de visita mais original que tenho visto é o do sr. H. Pinho.

Reza assim:

H. PINHO,

*Ex-ajudante interino do vice-director da extincta repartição de Terras e Colonisação.*

Quanta cousa, e afinal nada é o sr. Pinho:

Devia completar os ex-empregos assignando-se Ex-Pinho.

## VISITA A' CASA PATERNA

(A MINHA IRMÃ ISABEL)

Como a ave que volta ao ninho antigo,  
Depois de um longo e tenebroso inverno,  
Eu quiz tambem rever o lar paterno,  
O meu primeiro e virginal abrigo:

Entrei. Um genio carinhoso e amigo,  
O fantasma talvez do amor materno,  
Tomou-me as mãos,—olhou-me grave e terno,  
E, passo a passo, caminhou commigo.

Era esta a sala... (Oh! sé me lembro! e quanto!)  
Em que da luz nocturna á claridade,  
Minhas irmãs e minha mãe... O pranto

Jorrou-me em ondas... Resistir quem hade?  
Uma illusão geria em cada canto,  
Chorava em cada canto uma saudade.

LUIZ GUIMARÃES

\*

## OS BORÓRÓS

Graças aos esforços da commissão organisadora da *kermese* em beneficio dos indios boróros, brevemente teremos occasião de darmos prova da nossa caridade, auxiliando a esses pobres indigenas, catechizados e instruidos pelos incançaveis salesianos, que dotaram de certa educação, compativel com o nosso meio civilisado, além de darem-lhes o preparo musical.

A' vista da grande quantidade de prendas offerecidas, pode-se desde já garantir que não serão sem resultado os trabalhos da digna commissão, que mais uma vez provará a generosidade do povo paulista.

Sendo o fim tão nobre quão caritativo, espera-se que haverá da parte do publico a melhor boa vontade por occasião da *kermesse*, concorrendo todos com os seus auxilios, em pról desta festa e benemerita obra de caridade.

A esses pequenos selvicolos, que têm lutado no meio de tantas difficuldades e escacez de recursos, desejamos toda a sorte de felicidades quer com a presente *kermesse* quer com tudo quanto empreehenderem em seu favor e beneficio.





INDIOS BORORÓS

## O ALBUM DO FIUZA

Ou antes: os albuns do Fiuza.

E' a sua mania, o seu vicio.

Em casa do Fiuza ha jantar gordo e saráu (genero *firribidi* do *ig-lij*) dez vezes por anno.

Pagode no seu anniversario, no da mulher e nos dos oito filhos.

Os convivas do Fiuza rega-bofeiam-se a valer, mas hão de pagar um tributo:

Escrever nos albuns!

Possue uma colleção dos ditos.

Um de capa marroquim es-carlate com fechos nickelados, tendo no frontispicio um Cupido a vôar.

E' o album do *Amor*.

Tres de capa azul-celeste fri-sado a prata, tendo em cada folha vinhetas em fórmula de co-ração.

São os albuns das suas tres filhas: Calú, Bilú e Bijou.

Cada amigo tem de escrever nos tres livros o que pensa e o que sente a respeito da Calú, da Bilú e da Bijou. Na primeira folha vê-se o retrato de cada uma das moças.

O quarto album contém como cabeçalho a seguinte pergunta:

— *O que é a felicidade?*

Foi este o unico que conse-gui vêr.

E transcrevo para aqui alguns pensamentos litterario-philoso-phicos dos convivas do sr. Fiuza:

«A felicidade é ser amigo do Fiuza. — *J. Rabello Junior.*»

«A felicidade consiste unica-mente em ser burro e ter di-nheiro. — *A. Magalhães.*»

«Merecer um sorriso de D. Bilú. — *Alf. M.*»

«Comer canjas gostosas e be-ber vinhos generosos. — *Maraz nhão.*»

«Para mim a felicidade está em não ter vicio algum. — *B. B.*»

«Na minha opinião, só é feliz quem tem todos os vicios. — *Manéco.*»

«Um bom pifão é o céu aberto. — *Adelino Soares.*»

«A felicidade só procura o ho-mem intelligente e instruido. — *F. Gluck.*»

«A boa sorte só quer saber dos broncos e dos imbecis. — *Augusto Martins.*»

«O amor! Omnia vincit! — *C. D.*»

«Qual amor! Si você quer viver tranquillo, livre-se das saias! — *Peres Corrêa.*»

«Só se dá bem neste mundo, quem fôr esperto com cara de tolo. — *Macedinho.*»

«Está enganado, seu Macedi-nho; é quem fôr tolo com cara de esperto. — *Labião II.*»

«O Chico da venda opina que só é feliz quem não *bende fiado*. — *Marcos.*»

«Dançar a noite inteira com o Adolpho. — *Mariquinhas.*»

«Fazer as pazes com a Mari-quinhas, depois de quatro dias de arrufo. — *Adolpho.*»

Conforme.

URBANO DUARTE

\*

## Caça às pacoas

O meu visinho Gustavo não gosta de theatros, nem de pa-godeiras, nem de comes e bebes. O seu supremo e unico prazer consiste em caçar pacoas.

Aos domingos e dias feriados, invariavelmente, elle sai de casa pela madrugada, com botas, cha-péo de lebre, sacola ao lado, espingarda embrulhada e acom-panhado por dous cães atrelados.

É vai-se por esse reconcavo da Guanabara á porfia das pacas.

Tudo péga.

Eu raciocinava assim: Si esse homem acha prazer tão grande em matar pacas, é porque deve ser cousa bôa.

É veio-me um desejo enorme de experimentar a nova emoção. N'esta vida cumpre aproveitarmos soffregamente os gosos que se nos deparam, para compensar os pezares que apparecem sem ser chamados.

Manifestei a minha vontade ao Gustavo. Elle acolheu-a sem alacridade, exclamando:

— Amanhã mesmo vamos caçar no Burity!

— Ha lá muita caça?

— Paca ali é matto! Arompte-se. Partiremos ás 4 da manhã.

No dia seguinte, domingo, antes do raiar da aurora, embarcavamos ambos, e mais os dous cães, em um carro da Estrada de Ferro do Norte, na estação de S. Francisco Xavier.

Eu tinha tomado por emprestimo um par de botas de montaria, a um amigo que calçava o n. 39, sendo 41 o meu ponto.

A principio, as botas me couberam perfeitamente, como uma luva; o calçado apertado é traiçoeiro, só começa a nos martyrisar o pé tempos depois, quando menos o esperamos.

Foi o que me succedeu. Os canhões de couro, sem elastico, puzeram-se a magoar-me o osinhu do artelho, justamente quando o Gustavo, risonho e influidido, me narrava as suas proezas venatorias por aquellas redondezas.

O wagão era em feitio de bond.

No momento em que o trem, nas alturas da Penha, fazia uma curva, recebemos em cheio um violento golpe de vento vindo do mar.

Os nossos chapéus voaram.

O meu companheiro, um tanto aborrecido com aquelle incidente inesperado, recuperou iogo a sua jovialidade, e disse: — Isso não é nada! Arranjaremos outros chapéus.

— Comtante que a caça seja boa, o mais pouco importa — retorqui eu, fingindo não me incommodar com o contratempo.

— Affirmo-lhe que hoje jantaremos paca assada!

— Pois então vai tudo bem.

Descemos na estação do Atura, onde só ha duas ou tres choupanas.

O Gustavo procedeu a uma rapida pesquisa, a vêr si descobria dous chapéus velhos. Voltou desenganado e triste. Os habitantes tinham sahido.

— E agora? O sol ja queima...

— Ora! articulei com gesto despachado e resolutivo. Você não tem expediente. Tenho aqui os jornaes do dia. Arranjemos dous chapéus armados e está salva a patria!

É com as folhas confeccionamos os chapéus armados.

— É então? Parecemo-nos com os generaes Roberts e Kitchner á caça dos boers...

O Gustavo, pequeno de estatura, collocou o seu transversalmente, á moda de Bonaparte; e mettido nas enormes botas apresentava figura assás ratonica.

Chrismeio de «Napoleão das pacas.»

Entretanto, cada vez me doiam mais os pés, sob a pressão do couro.



Perguntei : — Quanto dista daqui ao rio Burity?

— Meia legua e tanto...

— Oh! com seiscentos! Neste caso vou tirar as botas.

— Não faça isso, contestou o Gustavo. Ha muito espinho e muita cobra. Andemos devagarinho. Não temos pressa.

Os raios solares nos castigavam o rosto, incompletamente abrigados pelos improvisados cobre-cabeças.

De repente o Gustavo disse:

— Ah! Tenho uma boa ideia. Transformemos estes chapéus armados em toucas de irmãos de caridade. Têm abas mais largas.

Sentando-se ao meio da estrada, deu umas tantas dobras nas gazetas e as transformou em *andorinhas* das usadas pelas religiosas de S. Vicente de Paula.

Seguimos caminho.

Os bois olhavam para nós com espanto; os burros empinavam as orelhas e fugiam á disparada.

— Comtante que matemos caça... (dizia eu) tudo vai bem.

— Havemos de jantar hoje paca assada, garantiu-me o Gustavo pela décima vez.

Chegámos finalmente ao riacho Burity. Gustavo lá encontrou o seu canoeiro. Soltou os cães. Nós entramos para o batel.

— Sente-se no centro da canôa e não se mexa. Qualquer movimento em falso faz virar a canôa.

Obedecei á determinação.

De sorte que desde as 9 da manhã até ás duas da tarde, cinco longas horas, permaneci de cócaras ao fundo da canôa, os pés em fogo, na cabeça a touca de irmão de caridade, espingarda em punho, á espera

que a paca, acossada pelos caes, viesse atirar-se ao rio.

Nem sombra!

Quando, não podendo mais, eu bolia corpo, o canoeiro gritava: Não se mexa, patrão!

Á volta, resolvi vir sem chapéu. Caminhava dois minutos e descança cinco.

E á noite, em casa, para descalçar as malditas botas, foi necessario escorar-me á parede e pedir o auxilio de toda familia.

URBANO DUARTE

\*

## Desacato na Igreja

A este respeito contar-vos-ei uma anecdota acontecida em Paris, haverá seis annos, que eu mesmo presenciei.

Num enterro de grande pompa de um par de França, achava-se um convidado, amigo do defunto, mas protestante, segundo parecia, ou máo christão; todo o cortejo se descobriu ao entrar na Igreja, só aquelle senhor ficou com o chapéu na cabeça; vendo isto, o parcho mandou-lhe dizer pelo bedel que na Igreja não era costume ter o chapéu na cabeça; não fez nenhum caso o incivil convidado, antes pareceu fazer mofa da advertencia.

(Continúa).

IGNACIO ROQUETE

\*

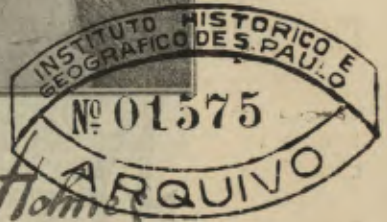
—Aqui tem 50\$000 que lhe devia.

—Já nem me lembrava delles...

—Diabo!... porque não m'ò disse antes.

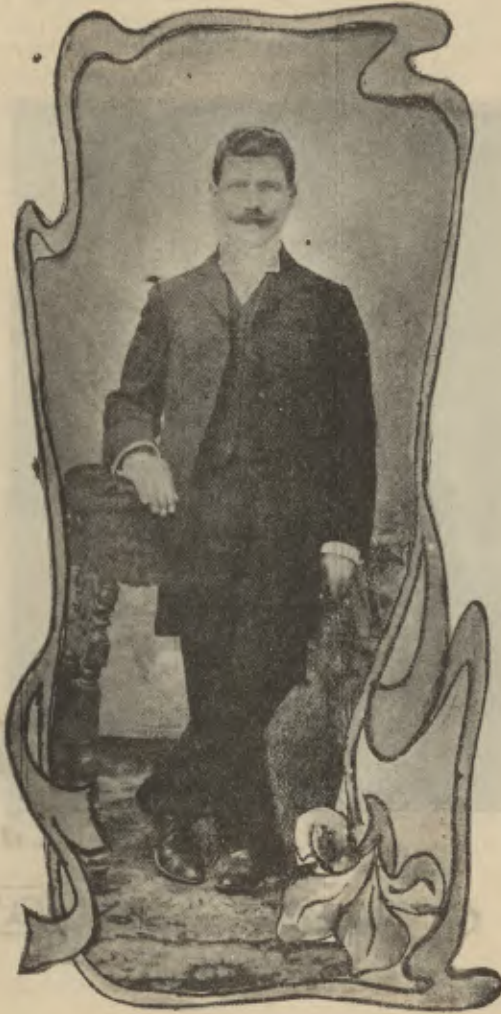
CELEBRE POLICIA AMADOR

(Da Mala Sinistra)



*Sherlock Holmes*

# A MALA SINISTRA



ELIAS FARHAT





M. ME CAROLINA FARHAT

## A Mala Sinistra

Recebemos um exemplar da novella sensacional—A Mala Sinistra ou Scherlock Holmes em S. Paulo, por Javert de Saint Paul.

Romance de actualidade e elegantemente confeccionado, cuja leitura empolgante prende agradavelmente a attenção do leitor.

Agradou-nos immensamente este elegante livrinho, nitidamente impresso e com bellas gravuras, trabalho que muito honra as officinas Espindola & Comp.

Agradecemos.



MIGUEL TRAAD

## SECÇÃO CHARADISTICA

*Premios:* em 1.º lugar um lindo romance: em 2.º 6 mezes de assignatura da nossa revista.

### Torneio de Outubro

#### NOVISSIMAS

1

2—2 E' certo que na cidade não ha segurança?

2

1—2 Apenas uma palavra serve de praga.

3

2  $\frac{1}{2}$ — $\frac{2}{3}$  Faça signal com geito para poder variar.

4

2—2 No leito de um rio este homem colheu uma flôr.

5

2—2 Sempre ha demora para chegar o tempo de se receber o ordenado.

#### CASAS

6

3 E' maravilhoso o instante do deslumbramento.

7

4 Titulo nobre não passa de um ornato

#### MEPHISTOPHELICAS

8

A feiticeira tem raiva desta mulher.

9

Todo o crime cometido com ostentação torna-se mais illicito.

#### SYNCOPEADA

10

3 E' inerte este martello—2,

#### BIFRONTE

11

3 Sacupema é o nome de um rio do estado de Amazonas.

## APHERESADA

## 12

3 Signal feito com a cabeça, as vezes significa que temos em frente um lodaçal—2.

## APOCOPADA

## 13

4 Fructo não se parece com sapo —2.

## AUGMENTATIVA

## 14

2 Desta palmeira só gosta quem é pateta.

## AUXILIAR

## 15

to—descoberto  
mo—actor comico  
do—vontade  
lo—amor  
bú—bananeira

*Sciencia das leis.*

## AVISO

Os pedidos de inscripção devem vir acompanhados do nome proprio e residencia.

Os trabalhos devem ser feitos em tiras de papel separadas e escriptas de um só lado.

As demais regras são as observadas em todos os torneios.

As soluções do presente numero devem estar nesta redacção até ás 5 horas do dia 17 de outubro.

A correspondencia desta secção deve ser enviada a redacção desta revista e endereçada ao

CONDE DE MARIALVA

\*

## O MYOSOTIS

### SECÇÃO INFANTIL

#### CIVILIDADE

##### INTRODUCCÃO

— *Que se entende por civilidade?*

— Entende-se por civilidade ou polidez um conjuncto de atenções e delicadezas

proprias a tornar amavel, decoroso e agradavel o nosso trato com os outros homens.

— *E' necessario aprender e por em pratica as regras de civilidade?*

— Não ha duvida que sim; pois, se bem sejam muitas dellas de si arbitrarías e convencionaes, estão admittidas como lei entre as nições cultas, e sem ellas faltariamos á caridade e ao bem-viver.

— *Leva-nos o espirito christão a ser polidos?*

— O christianismo imprimiu na civilidade um character novo de gravidade, de distincção, de moralidade, que ella nunca teve, ainda entre os povos mais policiados do paganismo, como nota um sabio auctor. Fazendo-nos considerar os outros homens como imagens e semelhanças de Deus, como membros de Jesus Christo, regenerados pelo seu sangue, chamados á participacção da mesma essencia divina, o Evangelho estreitou os laços da fraternidade, fez do genero humano uma só familia, adoptou os costumes, amenisou o trato social, e inspirou a todos esse respeito attencioso, essa fina urbanidade nas falas, nos modos, nas acções, que fazem o aprazivel das sociedades modernas.

A caridade, assim como a humildade evangelica, tornou-se, entre os povos christãos, o principio e a alma da polidez.

— *Como se prova que a caridade do Evangelho é o principio e a alma da polidez?*

— Prova-se pelos proprios caracteres da caridade, taes como os descreve S. Paulo: *A Caridade, diz elle, é paciente, é benigna; não é invejosa, não obra temerario e precipitadamente, não se ensoberbece, não é ambiciosa, não busca os seus proprios interesses, não se irrita, não suspeita o mal, não folga com a injustiça, mas folga com a verdade. Tudo tolera, tudo crê, tudo espera, tudo soffre.* Claro está que isto e mais alguma pratica do mundo e conhecimentos dos usos da sociedade bastará para tornar o christão um perfeito cavalleiro de maneiras amaveis e bizarras, que o tornarão respeitado e estimado na sociedade de seus semelhantes.

— *Podeis provar-me esta verdade ainda por outra fórma?*

— Provo-a com a razão mesma. Com effeito: em que consiste a polidez e a civilidade? Consiste, em summa, no sacrificio constante que fazemos de nossos commodos aos dos outros, em um esforço continuo para não sermos pesados e desagradaveis a ninguém; antes para darmos a todos testemunhos de deferencia e respeito. Ora, o que melhor nos arma de coragem e de esforço para tantas concessões, tantos sacrificios em bem do proximo, do que a



caridade que nol-o faz amar como a nós mesmos? Portanto, o maximo e primordial preceito: *Amarás ao Senhor teu Deus sobre todas as cousas e ao proximo como a ti mesmo*, é o principio e a base da verdadeira civilidade. E daqui vem maior importancia e o caracter moral della. A polidez assim comprehendida vem a ser, pois, uma amovavel expansão da caridade no trato da vida civil, uma encantadora efflorescencia do espirito christão na convivencia social.

— *Agora vejo bem como a caridade inspira e produz a verdadeira polidez. Mas a humildade, de que lhe pôde servir?*

— A humildade, ensinando-nos a pôrnos sempre no ultimo lugar, dispõe-nos admiravelmente a testemunhar a todos respeito, deferencia e consideração, isto é, a ser delicados e corteses.

— *Mas não será pueril, e portanto pouco decoroso, entrar nas mais miudas particularidades dessas regras?*

— Esta sorte de instrucção não é indigna de um sabio, como ides ver no seguinte exemplo. «Lord Chesterfield, quando era ministro d'El-Rei d'Inglaterra, não duvidava furtar algum tempo do consagrado aos mais graves negocios do Estado para escrever longamente a seu filho Stanhope, de idade de sete annos, sobre as mais pequeninas regras de civilidade, sustentando este sabio, que o que a muitos parece futil, é da mais alta importancia para o homem pensador e amigo da humanidade. Assim, este grande estadista não desdenhou de explicar pelo miudo como se deve entrar em uma sala, assentar-se e sahir della, o modo de estar á mesa, no passeio, na Igreja; nada lhe esquece, nem mesmo a advertencia de assoar-se sem estrondo e com asseio... Vós talvez acheis nesta advertencia um motivo de riso, diz o auctor que refere o caso, mas eu que conheço o mundo melhor do que vós, não vejo nisto senão uma solicitude paternal, que se estende a tudo, que se occupa das mais miudas particularidades, e que quer achar a perfeição no objecto de sua ternura. Nada é de pouca monta, quando se trata de fazer bem aos homens, tornal-os mais perfeitos, e por conseguinte mais felizes.

Emfim, S. Francisco de Salles e os mestres do espirito mandam-nos fazer grande provimento de brandura e benignidade, e mostrar-nos attenciosos e amaveis com o proximo, fazendo até nossas acções pequenas com perfeição, afim de tornar dest'arte a nossa piedade agradável a todos, não só aos estranhos na conversação civil, senão tambem aos de casa; ora isto não se pôde fazer sem o conhecimento das regras de civilidade e boa convivencia entre os homens; por onde se deixa conjecturar quanto

é necessario este estudo, mesmo sob o aspecto da piedade.

— *Comprehendo agora o alcance e a importancia de um tratadozinho de civilidade christã, porquanto é mister ir afeiçoando os meninos desde pequenos á pratica das regras de que se compõe. Podeis começar a declarar-m'as, para que eu tambem as ponha por obra?*

— Com toda a satisfação. Mas, como é necessario em tudo proceder com ordem, vamos dividir o nosso trabalho em tres partes:

A primeira tratará da modestia que deve apparecer no meneio de nosso corpo.

A segunda, do decoro com que devemos fazer as acções communs e ordinarias.

A terceira constará de exemplos em que apparecerão já reduzidas á pratica as principaes regras de civilidade.

(*Continúa*).

✱

## PERGUNTAS A PREMIO

Ao pequeno que sahir vencedor em primeiro lugar daremos uma entrada permanente para o cinematographo Mignon.

1.ª) Em que se parece a roda de um carro com o sol?

2.ª) O que falta ao Pará para ser um céu?

3.ª) Qual é o instrumento que anda com o mesmo movimento do homem?

4.ª) Qual é a differença entre meninas e olhos?

5.ª) Em que se parece a espingarda com o chapéu de sol?

Acceptamos collaboração de todos os pequenos leitores; bem como publicaremos retratos de todos os petizes, nesta secção.

As respostas devem ser enviadas ao *Cinematographo Mignon* até sabbado ao meio dia

JOÃO SEM PÉ